Notas sobre os caminhos do conhecimento:

para uma crítica do ensino politécnico vulgar e da ciência desviada de nosso tempo*

Yuri Martins Fontes Leichsenring**

[2001]

"*O autor é essencialmente como a sua obra, que mostra hipóteses, sonhos e decepções daqueles que a expressam*" (Sartre)

O escritor tem que se perguntar o porquê de escrever; o cientista deve saber a que serve sua ciência. É certo que há de se buscar somar no campo dos conhecimentos científicos. No terreno dos saberes filosóficos, porém, há antes de diminuir a sombra, pouco a pouco. A sabedoria deveria dirigir o homem, segundo valores da ética, do amor. A ciência, como a técnica, deveria servir ao homem, jamais se servir dele – como é a tendência de nosso tempo contemporâneo sem rumo.

E se uma efetiva crítica não pode prescindir da autocrítica, questiono-me: por que iniciei esta pesquisa, se nosso mundo está tão longe de permitir aos homens que desfrutem de seu próprio conhecimento? Grande parte da humanidade é tão pobre que não pode ter contato com quase nenhuma das benfeitorias básicas advindas da Modernidade; aliás, pelo contrário, há tempos vemos que, onde chega a técnica moderna, a vida normalmente se deteriora. Assim sendo, para quem eu estive trabalhando? Para quem escrevi?

Os pesquisadores e pensadores têm um longo caminho de aprendizado a percorrer. Quis a minha história que eu tivesse seguido – de início – este: o das ciências

naturais (equivocada ou ideologicamente ditas “ciências exatas”). Por vezes é preciso fazer a *coisa*, provar do erro, para depois criticá-lo. Como diz um antigo filósofo: provar do sofrimento – e da piedade – engrandece o espírito.

Acreditei um dia que o desenvolvimento do conhecimento técnico-científico pudesse frear a carroça desembestada da tragédia humana moderna. Ingenuidade de juventude; já era tarde. Este conhecimento já tinha evoluído o suficiente, mas o patentearam. Aquele ser humano simples, que outrora deixara a terra de todos ser cercada por uns poucos, agora sequer tinha noção daquilo que lhe tomavam. Mesmo aquela *elite material*, imediatamente beneficiada com a pilhagem, não teve perspicácia de espírito para perceber o que sucedia. Matou-se deus, mas se tentava matar também a Filosofia. E apesar de só estar possivelmente na morte a cura de alguns dos piores males, espera-se não ser este mal – o *mal moderno,* a falta de sentido – o fim da humanidade.

Pois aconteceu que se chegou a um grau de conhecimentos em que não era mais necessário – nem interessante – permitir-se aos pensadores que pensassem: já haviam pensado até onde deveriam. Ideias avançadas, acuradas – atentas a detalhes essenciais, tais como as *contradições* –, podem ser perigosas às frestas que há em todas as estruturas; podem comprometer o sistema geocêntrico e as cúpulas de cristal onde repousam fixas as estrelas, os dogmas, os reis e as rainhas. Foi assim, então, que se fundou, na propaganda idiotizante de massa, o regime dito neoliberal: espécie de fascismo *adornado* contemporâneo, que tem por bastião um pseudo-racionalismo positivista que tenta fazer crer aos incautos que todas as verdades que deveriam ter sido pensadas já o foram, e que cabe agora apenas regê-las com maestria, precisão, disciplina – sem questionamentos ou “inutilidades” do gênero, que não passariam de entraves à divina *competitividade*.

Teríamos chegado ao “fim da história” – como afirmou certa vez um certo funcionário bem pago e medíocre do alto-sistema? Se assim for, siga-se, pois, *irmão*, a verdade pronta, a “mais certa”: é somente agitar e usar.

* * *

Modernidade de homens iguais... Iguais em tudo na vida: na falta de experiências e na pobreza, uns de arroz, outros de poesia. O medo do desconhecido apavora o ser humano. Isto se acentua ainda mais, mostra a psicologia – ciência do irracional –, quando se trata de pessoas sem suficiente individuação, sem capacidade autocrítica. Eis o mundo moderno: a sociedade dos sem-experiência controlada pela força dos sem-personalidade. Uma sociedade insegura e de inseguros. Seres perdidos na igualdade rasa dos *chopincênteres*, na massificação globalizada da estética *pop*, na infantilidade dos enlatados de *Hollywood*, cujos enredos, desde cedo, crianças já sabem como terminam (ainda que, quando adultas, tantas delas percam esta sagacidade).

Todos estes ícones alienantes são coroados, no limite da sordidez, por editoriais neoliberais, com acenos fascistas, da grande imprensa corporativa – mídia associada ao capital que comanda a grande maioria da opinião pública do planeta. São homens sem conteúdo, sem noção de ética, amor ou piedade, que apostam em uma pretensa salvação de suas almas por meio da diferença "essencial" que haveria na quantificação das posses – volumes tão virtuosos quanto o esterco que os cobrirá no dia derradeiro.

Assim seguimos, tiranizados por uma elite fútil, superficial, mas *sofisticada.* E aprendemos a também venerar tal *sofisticação* que enfraquece e vicia, sem nos questionarmos sobre este conceito – derivado de *sofisma*, engodo –, uma mentira que mata, assim como suas ideias irmãs: *meritocracia* e *competitividade.*

Segundo nossa atual racionalidade *instrumental* – razão reduzida à ganância imediata –, é necessário achar uma explicação para tudo aquilo que não se quer efetivamente explicar. Qualquer coisa serve... um mito primitivo que seja: deus, o diabo; a mecânica ou a economia (tidas como *exatas,* à revelia do homem); o dinheiro, o poder. A razão que pode ser numericamente contada ou prevista está já bem estabelecida, mas é limitadíssima. Uma razão cientificista, que não atenta aos detalhes, às nuances da existência; uma razão curta, restrita, que faz seres humanos se assassinarem por quase nada; ou ainda (quem sabe pior), que simplesmente os deixa morrer (caso da África que, pauperizada pelo colonialismo, é hoje tratada com desprezo pelos "investidores").

* * *

Os mesmos assuntos que interessam a deus, interessam ao diabo – quem sabe uma espécie de *revisor* de deus. É somente nos extremos, nos detalhes das margens, em que se encontram as verdades mais importantes: aquelas que realmente servem à vida.

Como muitos dos grandes pensadores contemporâneos já notaram, depois de Marx e Freud – mas também de Dostoiévski, Paulo Freire e tantos outros –, ninguém mais é inocente! Segredos amargos vieram à tona: intimidades, fraquezas, egoísmos, perversidades foram reveladas. O homem é um animal histórico que sofre e faz sofrer, cujos recalques inconscientes agem sem que se os perceba com nitidez. Será errada a teoria psicológica de que na infância traumatizada, tolhida, estariam os maiores problemas da necessidade patológica de segurança e exagerada acumulação de bens? Ou a concepção de que através da violenta opressão social e, ainda, da repressão sexual a ela associada (sim, pois a falsa *libertação* contemporânea dos *corpos* em geral não passa de alienada *libertinagem para consumo*) constroem-se imbecis apáticos, inertes – seres castrados em suas potências humanas, incapazes de tomar decisões existenciais ou de exercer suficientemente sua cidadania, criatividade, libido? Que dirá disto o bom burguês racional, filantropo, a quem estão destinadas as *melhores balas* de Brecht?

* * *

Ninguém está livre do inferno moderno, muito menos da culpa por ele ainda existir – e de forma tão intensa, tão presente. Ao intelectual – este ser que se supõe ser menos inconsciente de que a média – só caberia uma postura coerente e honesta: engajar-se em defesa do uso democrático do conhecimento. A verdade é uma experiência que jamais é absoluta, e cuja busca por refinamentos não cessa. Como tudo no universo – até onde (não) sabemos –, o conhecimento é uma onda que ora acelera, ora retrai; que não tem uma direção única: que evolui, mas também involui.

Não há, portanto, uma única possibilidade de sentido para o progresso, e mesmo o conceito de "progresso" tem uma evolução histórica – devendo, assim, ser constantemente debatido. Não existem ciências "exatas" – rígidas, estagnadas – conforme pregam os arcaicos dogmas modernos (tais como as "verdades" dos *economicistas*, falácias que vigoram tão próximas ao poder). O que há – para quem queira observar a realidade de acordo com o ferramental que já nos está oferecido – são as

ciências naturais e as *ciências humanas*, estas duas faces da grande "ciência da história", de que nos falam Marx e Engels (no sentido de que toda ciência deve ser tratada em perspectiva histórica). Entretanto, ao menos enquanto existirem os seres humanos, esses dois campos científicos se condicionarão mutuamente: não se pode conceber ambos em separado.

Na atualidade, apesar de tantas "evoluções" parciais, o que se vê – em se observando a totalidade do problema – é uma verdade paralisada, engessada por um sistema organizado segundo certos interesses particulares. Um sistema robusto em sua lógica interna, mas que não reflete sobre a realidade como um todo – e, aliás, nem permite que haja tal reflexão.

É preciso que se dê um novo salto à frente, que haja uma nova revolução das ideias. É necessário que a ciência se questione, se pense e autocritique. Urge que se encontre uma razão superior, mais ampla, que forneça à ciência novamente um motivo para existir – antes que a própria ciência destrua quem a elaborou. A racionalidade científica (ou antes "cientificista") moderna é meramente uma técnica de modelagem de meios, um *instrumento* que não discute o valor dos *fins* desejados. E isto especialmente neste período já decadente da modernidade, em que os efeitos da crise estrutural capitalista acentuam a descrença nas possibilidades da vida, agravando o niilismo típico do homem contemporâneo – tão empobrecido de experiências.

Como conceber que se gaste muito mais com a pesquisa de cosméticos, do que com o estudo de doenças tropicais, num país miserável cujo povo ainda morre vítima da senil malária. Como aceitar que o lixo orgânico gerado pelos estadunidenses contenha quantidade de alimento que seria suficiente para manter subsistindo quase a metade dos cem milhões de latino-americanos, africanos, asiáticos e demais condenados pelos céus da razão capitalista que tombam de fome a cada ano de globalização da miséria? Globalizemos a Amazônia, mas também as crianças – dirigentes doentes!

* * *

Decerto que o marxismo, enquanto ética e filosofia política ou, de outro ângulo, enquanto método científico e perspectiva epistemológica, nada tem que dizer acerca dos

debates teóricos da mecânica elastoplástica ou da precisão dos cálculos numéricos do método dos elementos finitos. Mas também não cabem dúvidas de que é uma decisão humana o uso dessas ferramentas para a confecção de automóveis individuais (poluentes e estorvantes), que contribuem para tornar a vida nas grandes urbes impraticável; ou, ao invés disso, a sua utilização social para conceber uma rede de transportes coletivos limpos, universal e de qualidade. E isso sem mencionar a sórdida aplicação de tais conhecimentos na construção de máquinas de guerra ou de mecanismos para o controle da sociedade.

Não há ciência imparcial, jornalismo imparcial, política imparcial. A física moderno-contemporânea mostrou que o olhar do observador – do *sujeito* – muda a trajetória do *objeto* observado. Ou, como se sabe há muito: o olhar do leão modifica o caminho da gazela.

Evidentemente, não se trata de cercear os caminhos da ciência ou a criatividade dos cientistas, mas de planejar políticas públicas, de oferecer sentidos para o desenvolvimento do conhecimento e, por conseguinte, da história humana. E isto deve partir de análises objetivas – da eleição de objetivos prioritários que, tendo por base uma concepção acurada e humanizada da totalidade social, possam servir de guia para decisões políticas que permitam encaminhar a resolução dos problemas e conflitos prementes da sociedade.

Há uma crise na razão – não propriamente no *interior* da ciência, mas em seu *exterior* –, e ela só poderá se salvar se for bruscamente freada; se se olhar com escrúpulos para a realidade de dor que é o mundo: dor que está ao lado, mas também embaixo, acima, dentro. Há que se recusar a padronização, o unidimensionalismo pretensamente correto do pensar, o esquema *mecanicista* e *evolucionista-social* simplório de se enxergar a história. É preciso duvidar-se do que está posto, questionar-se: esta a arte da evolução – que nem sempre evolui para onde se desejaria.

Perceber o óbvio é também uma arte: embora muito pouco executada nos dias que vão. Em seu drama "A Vida de Galileu", Bertolt Brecht critica o dogmatismo geocêntrico do século XVII – a falta de percepção dos homens daquele tempo acerca das evidências que a realidade e o conhecimento já lhes ofereciam. Trata-se de uma nítida

analogia com a limitação da ciência socioeconômica e política "liberais" da Modernidade, cujos estreitos elementos (mecanicistas, unidimensionais, destrutivos, causadores de fome e guerras) ainda vigoram: como se houvesse apenas um *sentido único* para a evolução racional e humana. Tais elementos – advindos do ideário positivista que se seguiu às *Luzes* –, embora hoje detenham menos força teórica, mantêm-se bastante alinhados e cúmplices dos poderes políticos e militares.

* * *

E aconteceu, leitor, que enveredei por este sendeiro, que investiguei e escrevi esta dissertação, me arriscando nos caminhos opacos da ciência dura, das técnicas: um *jogo* intrigante, mas hoje em grande medida perdido e sem sentido. Se a área da escrita lhe parecer pouco apropriada para quem busca na existência algo mais consistente, concordo. Porém com a ressalva de que, na luta pelo esclarecimento, os caminhos são tortuosos e sem guias, como os da vida.

Os erros existem e são necessários para o aprendizado. Colhi bastante conhecimento prático neste rumo desajeitado das ciências naturais, mas também algum saber – pois, quando se aprende a perscrutar as sombras, o há por todo lado. A lógica formal aguça o raciocínio; contudo, a jornada para a sabedoria é muito mais longa de que supõe o vão raciocínio imediatista: é uma trilha paciente, meditativa, com variáveis pouco definidas e escolhas difíceis – pois não comporta respostas prontas.

Foram percorridos milênios de culturas para se chegar ao *marxismo*, que é como se denominou a *concepção materialista da história*: um pensamento *dialético* e de *práxis*, que nesta comunhão se coloca como a única filosofia, efetivamente *contemporânea*, de nosso tempo, e ainda longe de poder ser transcendida. Desde então, *pensar* deixou de ser somente refletir, ter ideias, construir teorias. Em seu conceito mais amplo, *pensar* passou a se referir à ação social coletiva e organizada que promove a realização das ideias.

O socialismo marxista ou *pensamento da práxis* – saber secular sistematizado e aprofundado por Marx e Engels, seus fundadores – parte da *teoria* e segue rumo à *prática*. Da análise teórica, construída mediante a investigação científica e a interpretação filosófica das contradições da sociedade (ou seja, dos absurdos desníveis, dos

desequilíbrios e crueldades que se evidenciam na observação dos extremos sociais), chega-se então à ação planejada, apaziguadora de conflitos, humanizadora, redutora de disparidades (e portanto *mais* ética). Então, neste *movimento* – pois que o saber, nessa perspectiva, é um *processo* –, em seguida à implementação do plano teorizado cabe repensar, no contexto da *nova realidade*, as transformações das próprias ideias, das teorias postas em prática.

A esta visão filosófica, científica e prática do mundo – que tem na *dialética* e na *práxis* seus princípios fundamentais – se convencionou denominar marxismo, pensamento da práxis, materialismo histórico, comunismo contemporâneo. Independente de nomenclaturas, trata-se de uma concepção da existência que acredita na urgência ética de se construir situações concretas mais adequadas à vida, em que o metabolismo entre o humano e a natureza que o cerca seja mais harmônico e tenha mais viabilidade histórica; em que a sociedade humana possa se desenvolver material e culturalmente como um todo, humanizando-se ou, de outro modo, favorecendo a *liberdade coletiva*, a ética, a criatividade, o desenvolvimento pleno das *potências* do ser humano (que é quem produz coletivamente as condições para se gerar *ideias* e *teorias*).

Infelizmente, tolas crendices "geocêntricas" da atualidade ainda acusam o marxismo, o comunismo contemporâneo, de perigoso pensamento promotor de conflitos; ou mesmo de ter *instaurado* (ou simplesmente *inventado*) a disputa e o ódio de classes – fenômeno que, em verdade, este pensamento apenas busca compreender, para tentar solucionar. Como ocorreu outrora, os atuais "crentes" do *status quo* dizem que tais ideias privam o ser humano de "liberdade". Mas rasos, se esquecem de que, como a ciência, também a liberdade tem vários caminhos, possibilidades; que também a "liberdade" é um conceito que admite sentidos deletérios, podendo-se referir, por exemplo, à "liberdade individual" de alguns poucos controlarem, dominarem, explorarem e mesmo eliminarem fisicamente seus semelhantes. Contudo, a mesma palavra "liberdade" pode ter também um significado mais amplo, coletivo, nobre: referindo-se a um movimento de libertação conjunta, solidária, de paulatina emancipação humana no sentido de uma sociedade com menores contradições, conflitos, sem abismos sociais.

"O *comunismo* – bem ponderaram Marx e Engels –, não priva ninguém do poder de se apropriar dos produtos sociais; o que faz é eliminar o poder de subjugar o trabalho alheio por meio dessa apropriação". Hoje, mediante o cultivo da ignorância e do medo, os detentores do poder ainda tentam ressuscitar retrógrados mitos. Mas *deus* está morto, e alguns *Homens* sobreviveram a *ele*.

Notas

* Ensaio originalmente publicado como Posfácio da dissertação de mestrado em ciências naturais e tecnologia *Acerca da Simulação Computacional de Processos de Conformação Mecânica de Metais*, apresentada à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 2001. Versão revista e atualizada em 2010, conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

** Graduado em Filosofia e em Engenharia pela Universidade de São Paulo, com mestrado pela mesma instituição, é professor universitário e de cursinhos populares (Filosofia, Física e Redação), jornalista, cronista e fotógrafo.